

Duas fotografias de André Cepeda

NUNO BORGES DE ARAÚJO

É difícil ter uma percepção do trabalho artístico de uma pessoa e entendê-lo através de um número reduzido de imagens. Embora conheça outros trabalhos de André Cepeda, a minha percepção destas imagens é fragmentária e necessariamente distorcida. O que eu vou dizer, em poucas palavras, é sobre elas e sobre mim, sobre o que eu vi nelas, e aí reside a pertinência do comentário.

Formalmente, a abordagem técnica usada na elaboração destas fotografias denuncia uma opção pela redução de possíveis artifícios técnicos, que permitem acentuar a expressão, e procura mostrar-nos a realidade tal como ela se nos apresenta:

- § o realismo da cor, por oposição à abstracção do preto e branco;
- § a "reprodução" dos contrastes tonais tal como o nosso olhar os vê, por oposição à dramatização dos contrastes acentuados;
- § o uso de objectivas que se aproximam do nosso ângulo de visão, não distorcendo a percepção própria do nosso olhar;
- § a presença do detalhe, pelo uso de grandes formatos, por oposição à textura da imagem, que nos retém na superfície da fotografia e nos impede de "entrar" através dela;
- § a ampliação da imagem impressa em grande formato, que reduz a sua qualidade de objecto e nos convida a experimentá-la como espaço.

Esta abordagem fotográfica, aparentemente distanciada, contribui para afastar o observador das questões mais relacionadas com a forma, e para a sua concentração no assunto fotografado.

As imagens que André Cepeda nos mostra não representam espaços e objectos de uma beleza sublime, antes pelo contrário registam o banal, o que escapa ao olhar comum, e o que supostamente não é digno de ser fotografado. Assim, coloca-se uma questão pertinente: porquê registar a imagem destes espaços?

O trabalho do fotógrafo passa pela identificação, selecção e registo do que para ele é visualmente significativo. Neste caso André Cepeda registou algo que nos esclarece sobre a natureza da intervenção humana em dois espaços. Ao revelar as suas acções, está inevitavelmente a falar-nos das pessoas que os transformaram. Estas duas imagens têm a qualidade de nos mostrarem aspectos de uma realidade que, pela sua impertinente presença, nos interrogam acerca daquilo que geralmente ignoramos, do que não ignoramos mas desprezamos, daquilo que procuramos esconder. Apesar de a presença de sítios com

características semelhantes ser comum no território, a sua existência apenas se permite em espaços privados ou semi-privados, intersticiais da cidade e da sua periferia, do lado de lá daquilo que consideramos como a fachada pública, e não configuram a nossa imagem colectiva. Nesta evidência serena de um quotidiano ignorado há, contudo, uma inquietação. Um jogo de relações construídas, que transforma a ordem dos objectos banais em protagonistas de um discreto enredo, de uma história até agora não contada. Talvez a palavra banal seja insuficiente para descrever o que aqui vemos, porque se verifica simultaneamente uma atracção e uma repulsa. Não são os espaços que se imaginam, que procuramos construir, são espaços resultantes de acções de necessidade e de contingências, onde quase nada é como entendemos que devia ser. Formas débeis de auto-construção com materiais reciclados interagem com plantações aleatórias e descuidadas. Aqui (imagem 1) vemos telas e placas deformadas que, como escamas improvisadas, encerram espaços entre as árvores-pilares, que não são bem verticais nem belas, de formas algo "caóticas". Ali (imagem 2), outro espaço verde encerrado e voltado a encerrar com o que estava à mão, árvores escolhidas, e plantadas ao critério de alguém que parece não o ter, assomam-se à vedação e pedem-nos ajuda. Pavimentos, terra, e erva a lutar pela sobrevivência. Objectos reciclados de função não especificada. Lixo, ou talvez ainda não. Apesar de tudo isto, há beleza nas imagens destas formas frágeis e deformadas, incongruentes, na coexistência e articulação de plantas e objectos fabricados, nestas construções improváveis que nos interrogam sobre a sua condição.

Porquê seleccionar imagens do banal, para uma exposição sobre paisagem? Talvez porque não é isso que a maioria das pessoas espera aqui encontrar e, assim sendo, é uma oportunidade de questionar o nosso conceito do belo, e de nos revelar uma realidade que queremos ver ocultada.

Porquê seleccionar imagens de espaços reduzidos, visualmente limitados, quando a nossa ideia de paisagem está predominantemente relacionada com horizontes abertos? Porque a dimensão dos espaços é tão vasta quanto for a nossa capacidade de neles entrar e de os percorrer visualmente, por mais pequenos que sejam.

O projecto *Ontem*, de André Cepeda

Depois de feito este comentário, tive acesso a um conjunto significativo de imagens da série intitulada *Ontem*, que integra as duas fotografias acima mencionadas, e pareceu-me oportuno fazer um comentário adicional, mais abrangente.

Na sua maioria este conjunto de imagens constitui um retrato fidedigno de um espaço e das pessoas que o habitam. Não se trata, portanto, apenas de revelar a presença humana através da sua intervenção no espaço, mas de retratar o espaço e o homem como aspectos complementares, intimamente relacionados, de uma mesma realidade.

Assim, André Cepeda não se limita a retratar o território e as casas onde se vive, chega mesmo a entrar nelas e a mostrar-nos o seu interior com a sua precária decoração.

Aborda os seus habitantes, interage com eles e retrata-os nos espaços onde à noite se recolhem. Nalguns casos penetra a sua intimidade retratando os seus corpos despidos, e mesmo o acto sexual.

O lugar é objectivo, situa-se na cidade do Porto: "Interessava-me conhecer aqueles territórios, as traseiras, as paisagens escondidas do Porto". De facto, o fotógrafo retrata as "traseiras" de quarteirões e edifícios urbanos: espaços de habitação colectiva que ainda persistem semi-ocultos em locais centrais, e, sobretudo, as "traseiras" da cidade: um habitat periférico de bairros sociais e espaços intersticiais mal definidos e negligenciados, atravessados por vias rápidas e viadutos, situados algures entre o centro e as cidades-dormitório suburbanas. Aqui vemos as casas onde os mais desfavorecidos repousam à noite. A sua condição de obscura marginalidade, próxima da exclusão social, é-nos revelada nos seus espaços de habitação e nos seus retratos. Não são, no entanto, os excluídos que não vemos na cidade e no seu centro, como os condenados à prisão ou os doentes mentais graves, confinados a espaços próprios, ou os que apenas na aparência têm uma vida normal. São os que interagem connosco na cidade, com quem nos cruzamos diariamente, que nos interpelam e, nalguns casos, ali trabalham.

Os habitantes destes espaços aparentam estar no limiar da pobreza, vivem numa situação precária, algures entre a família que sobrevive com dificuldades e os sem-abrigo. A sua condição socio-económica é muito baixa. Exceptuando uma ou outra, o que vemos nas imagens é uma existência precária de "sobreviventes". São pessoas desapossadas de uma vida de conforto pela precariedade da sua situação económica, com vidas marcadas pelo consumo de drogas – o próprio fotógrafo o afirma – e, nalguns casos, pelo recurso à prostituição. Apesar disso, e de alguns dos seus retratos nos deixarem essa impressão, o fotógrafo não é óbvio ao tratar da sua condição. Ela é apenas sugerida. O conteúdo das imagens não é explícito. De facto, não vemos pessoas a consumir drogas, nem marcas que o denunciem. Não é óbvio que as mulheres despidas sejam prostitutas, nem se os homens com quem têm o acto sexual são clientes ou pessoas com quem mantêm uma relação. Nas pessoas há uma ausência expressiva, um aparente distanciamento emocional. Elas sabem que estão a ser observadas mas não exprimem sentimentos, antes se deixam retratar como se a sua existência tivesse sido esvaziada de qualquer emoção. Assim, neste conjunto de imagens não é clara uma intencionalidade na postura do fotógrafo. Não parece querer denunciar uma condição humana expondo-a ao nosso olhar. Aparentemente, apenas procura ver, registar, e mostrar-nos esta realidade que a maioria procura ignorar por defesa, receio da diferença, ou mero preconceito. Esta postura, algo ambígua, permite a interpretação de que o fotógrafo pretende inibir-nos de fazer juízos acerca das pessoas que retrata ou, quando muito, nos pretende mostrar que, aparte a sua história de vida e condição, elas não são diferentes de nós.

O autor atribuiu a esta série de imagens o título "Ontem" porque, segundo o próprio "foi a melhor palavra que encontrei para descrever este estado de espírito [...]. Esconder, refugiar, anular, esquecer. Tentar estar fora do tempo" . Antes nos parece que o termo não remete para a anulação do tempo, mas para o passado, e que a vida das pessoas retratadas

se centra no dia-a-dia que lhes assegura a sobrevivência. O passado e a família praticamente só existem nos espaços que outrora foram um espaço familiar convencional, agora predominantemente ausente, residual. O futuro destes espaços urbanos "expectantes" e destas pessoas parece incerto, difícil de prever. Não imaginamos projectos nem planos individuais, as crianças que lhes dariam continuidade estão ausentes desta narrativa visual. Assim, talvez mais do que "Ontem", esta série deveria chamar-se "Hoje", reflectindo a compressão do tempo mental que a condição de sobreviventes impôs a estas pessoas.



Imagem 1 – Ontem // sem título, estrada nacional nº 1, Pombal, 2006

André Cepeda

Impressão Jacto Tinta, 126x160cm, edição de 3

Cortesia Galeria Pedro Oliveira // André Cepeda



Imagem 2 – Ontem // sem titulo, estrada nacional nº 1, Pombal, 2006

André Cepeda

Impressão Jacto Tinta, 126x160cm, edição de 3

Cortesia Galeria Pedro Oliveira // André Cepeda